

RESENHA

Almeida, Napoleão Mendes de. 2024. *Gramática latina: curso único e completo*. Rio de Janeiro: Editora CDB. 744 p. ISBN: 978-65-5481-062-3.

Paulo Sérgio de Vasconcellos

Universidade de Campinas (Unicamp)
(odoricano@gmail.com)

DOI: [10.11606/issn.2358-3150.v2i1p225-238](https://doi.org/10.11606/issn.2358-3150.v2i1p225-238)

Letras Clássicas, v. 2, n. 1, p.225-238, 2024

Resenha: Almeida, Napoleão Mendes de. 2024. *Gramática latina: curso único e completo*. Rio de Janeiro: Editora CDB. 744 p. ISBN: 978-65-5481-062-3.¹

Depois de publicar em 2020 a *Gramática Latina* do Padre João Ravizza (veja-se nossa resenha em <https://revista.classica.org.br/classica/article/view/968/868>), o Centro Dom Bosco (CDB) reedita em 2024 dois sucessos editoriais de Napoleão Mendes de Almeida (1911-1998), sua *Gramática Latina* e a *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. Interessa-nos comentar a publicação da primeira obra, que em 2013 teve uma edição (a trigésima!) pela Editora Saraiva e que continha o gabarito dos exercícios de versão e tradução das lições daquela gramática; em 2024, sai esta nova edição, em capa dura e diagramação agradável, qualidades que assinalávamos na edição de Ravizza.

Como se trata de gramática extremamente bem sucedida em suas dezenas de edições e que deve ainda encontrar um numeroso público leitor, pretendemos apontar alguns senões no intuito de sermos úteis a parte considerável de seu público-alvo: leigos de várias idades, que podem se beneficiar do perfil da obra, acessível ao autodidata, e estudantes dos primeiros anos de Latim das universidades que podem comprar o livro como material de apoio para seu aprendizado da língua. Julgamos adequado, de resto, tratar a obra no contexto de seu tempo e seus objetivos e não exigir de seu autor uma impossível atualização de acordo com os avanços da pesquisa sobre a língua latina, muito claros nas últimas décadas em autores como Wolfgang de Melo e Harm Pinski. Entretanto, como no caso da reedição da gramática de Ravizza, lamentamos que os editores não tenham proposto uma edição “aggiornata” (como fazem tantas vezes os italianos), isto é, que, mantendo a obra como tal, advertisse, através de notas e co-

1 Agradecemos a Marcos Aurelio Pereira pela revisão do texto, feita com o cuidado de sempre. Obviamente, senões que permanecem são de nossa inteira responsabilidade.

mentários, de alguns problemas que esse material oferece a quem hoje pretende estudar latim. Desde já, registramos que ao apontar senões não pretendemos retirar de seu autor o mérito de um vasto conhecimento da gramática latina (como da norma culta da língua portuguesa) e, sobretudo, de uma capacidade didática exemplar.

Antes de apontar o que merece reparo, descrevamos brevemente a obra. O livro consta de 104 lições em que se sistematizam os conteúdos gramaticais do latim, seguindo a tradição dos manuais escolares. As lições são seguidas de comentários sobre o que se sistematizou e após a lição 8 há também exercícios de versão e tradução. A partir da lição 79, quando o aluno estaria “adiantado na sintaxe” (p. 429), apresentam-se excertos de autores latinos, começando pela abertura do *De bello Gallico* de Júlio César. Esses trechos também são apresentados em ordem direta em sua grande maioria (a partir da página 569, porém, com um texto de Horácio, deixa-se de apor a ordem direta, que fica a cargo do aprendiz) e acompanhados de muitas notas, que esclarecem pontos gramaticais ou fazem remissão a conteúdos já vistos para que o aluno tenha segurança ao traduzir. O método é tradicional, como já observamos: parte-se de breve resumo de análise sintática tradicional do português (cf. “O aluno jamais poderá compreender o que vem a ser em latim o caso **dativo**, se não tiver perfeita compreensão do que é **objeto indireto** em português”, p. 29, grifos do autor; “A explicação e a compreensão desta classe de pronomes [relativos] exigem perfeito conhecimento do assunto em português”, p. 214) e se avança com sistematizações ilustradas por expressões e frases isoladas; os exercícios de aplicação da gramática estudada também apresentarão frases isoladas para tradução e versão. Na explanação da gramática latina, frequentemente o autor remete à sua *Gramática metódica da língua portuguesa*, o que é eloquente. Napoleão se mostra coerente com o princípio exposto no prefácio (p. 21): “Asas de um pássaro, o latim e o português devem voar juntos: tal é a minha convicção, tal a minha preocupação em todas estas 104 lições”. Se a ausência de contexto torna o primeiro contato direto com a língua pouco rico, é louvável a clareza da exposição dos conteúdos, marca do professor que certamente contribuiu e ainda

contribui para o sucesso de venda dos seus vários livros, como se coroa de sucesso o curso de latim e de português por correspondência que oferecia. Aliás, o manual se apresenta como “curso único e completo”, mais que uma gramática de consulta; como era comum nesse tipo de material nos tempos em que o latim fazia parte do ensino que hoje chamamos fundamental e médio, além de fonética, morfologia e sintaxe, há matéria variada que envolve a cultura romana: noções de métrica, informações sobre o calendário romano, moedas, pesos e medidas.

O maior senão no conteúdo, a nosso ver, encontra-se na página 532, quando o autor trata do que seriam vogais longas “por posição”. Nesta seção, como se fazia com frequência antigamente, há uma confusão entre quantidade vocálica e quantidade silábica. Como sabemos, no intuito de distinguir os dois fenômenos, os manuais de língua inglesa falam em vogais longas e breves e sílabas “pesadas” (*heavy*) e “leves” (*light*), em vez de também aplicar às sílabas os adjetivos “longas” e “breves”. No Brasil, os termos “sílabas leves” e “sílabas pesadas” vêm sendo utilizados há muito tempo, embora certos manuais continuem a empregar “sílabas longas” e “sílabas breves”, o que não é de forma alguma criticável, desde que não se confunda quantidade vocálica com quantidade silábica. Diz Napoleão na página 532:

459 – É **longa** por posição:

- 1 — a vogal antes de consoante dupla: *āxis, gāza*.
- 2 — a vogal antes de consoante geminada:
bēllum, ancīlla, pānnus.
- 3 — a vogal antes de duas consoantes [...] *mōrs,*
cārmen, tēmpēstas.

Patenteia-se aqui a confusão entre vogais longas e sílabas longas. Em *axis*, temos uma sílaba travada, num contexto em que a vogal é seguida por duas consoantes (grafadas por um único símbolo, como nota Napoleão). Mas, se a sílaba *a-* é longa/pesada, pelo contexto fonológico em que se encontra, a vogal que a compõe continua sempre breve; todavia, em *gaza*, de fato, a sílaba e a vogal são longas (ou, com maior distinção, a vogal é longa e a sílaba pe-

sada), mas não porque a vogal tenha sido alongada por posição. Em *bellum*, a vogal é breve e a sílaba é pesada, por ser travada ou, como se diz didaticamente, ter vogal seguida por duas consoantes. *Ancilla* tem uma segunda sílaba longa/pesada cujo centro é a vogal breve “i”; *mutatis mutandis*, o mesmo vale para a sílaba inicial de *pannus*, *carmen* e as duas sílabas iniciais de *tempestas*, dadas como tendo vogais alongadas na gramática de Napoleão. Na página 42, já se dizia: “Como importante norma prática, aprendamos que, em regra geral, uma vogal é breve quando seguida de outra vogal [...] e longa quando seguida de duas consoantes: ancilla (*ancilla*)”.

Neste ponto, julgamos ser importante apontar para nossos alunos de Latim que o mais completo dicionário latino-português que temos, o *Novíssimo dicionário latino-português* de F.R. dos Santos Saraiva, elaborado no século XIX mas até hoje publicado pela Garnier (houve uma reedição, ou melhor, reimpressão em 2019), marca as quantidades silábicas de tal forma que o aluno frequentemente não saberá a quantidade da vogal quando ela é seguida de duas ou mais consoantes, isto é, aparece em sílaba travada. Para ilustrar com um pequeno exemplo, o verbo *mitto* tem a primeira sílaba assinalada nesse dicionário como longa, com o mácron no “i”, mas dessa forma o consulente não saberá que a quantidade desse “i” é breve, não longa (cf. os desenvolvimentos em línguas românicas: *mittere* resulta no português “meter”, no italiano “mettere”, no francês “mettre”, ao passo que se a vogal “i” fosse longa haveria uma tendência a conservá-la como “i”). O ideal seria fazer como fazem outros dicionários: quando a vogal breve aparece em sílaba longa/ pesada nada se marca sobre ela e se saberá que ela é breve numa sílaba travada (*mit*); se a vogal é longa numa sílaba longa/pesada, marca-se o mácron e se saberá de imediato que a sílaba longa/pesada contém uma vogal longa, como, por exemplo, na primeira sílaba de *brāchium*. Ao longo de seu curso, Napoleão várias vezes assinala a penúltima sílaba de palavras latinas com um mácron quando a vogal que forma a sílaba travada é, na verdade, breve. Ilustremos com o primeiro exercício (p. 51), em que temos *ancilla* e *columba*, que trazem mácron na penúltima sílaba, embora as vogais das sílabas respectivas sejam breves (o aluno

não saberá que são vogais breves em sílabas longas/pesadas porque tal distinção não é feita no livro).

O próximo ponto a assinalar não diz respeito a alguma incorreção, propriamente, mas à necessidade de complementação, ou seja, de apresentar uma visão mais abrangente do que os estudiosos defendem numa certa questão controversa. Na página 255, ensina-se que, se a enclítica *-que* for acoplada a uma palavra, para determinar-se o acento, devemos considerar, primeiramente, se a palavra é paroxítona ou proparoxítona. No primeiro caso, tudo dependerá da quantidade final da palavra: se breve, a tônica recua; se longa, o acento recai sobre ela: *rósaque* no nominativo e *rosáque* no ablativo, por exemplo. No segundo caso, a palavra proparoxítona (como *homines*, *munera*, exemplos do curso) acoplada à enclítica terá sempre acento na sílaba que antecede o *-que* independentemente da quantidade da sílaba final da palavra: *hominésque*, *muneráque* (apesar de termos neste segundo termo sílaba *-ra-* breve). Este ponto é controverso porque as fontes antigas são contraditórias a respeito do que ocorre em tais casos (ver Allen, p. 87-88; Faria, 1955, p. 217), mas é opinião muito difundida de que, acoplada a uma enclítica como *-que*, toda palavra se torna paroxítona, independentemente da quantidade de sua sílaba final: *armáque*, pois, e assim por diante (uma regra claramente formulada, por exemplo, por Sérvio em comentário ao verso X, 668 da *Eneida*). O recentíssimo De Melo (2024, p. 31) traz: “If a clitic like *-que* (‘and’) attaches to a word, the syllable before it will be accented, wheter heavy or light”. Traina e Perini (1998, p.94) assim se expressam:

Sta di fato che in latino, quando viene a formarsi un nesso tra parola ortotonica e parola enclitica, sorge una nuova identità fonica, per la quale il ritmo trisillabico esige un unico accento: e questo accento non s’identifica con nessuno dei due accenti originari, è un terzo e nuovo accento, l’accento d’enclisi, con una sua sede obbligata nella sillaba che precede l’enclitica e senza più riguardo a rapporti quantitativi: *armáque* come *rosáque*.

Seria interessante em nota apor uma observação sobre essa outra maneira de ver o fenômeno, que se encontra em vários manuais escritos por autoridades de peso, embora a complexa questão seja tratada em certos estudos de um modo que possa justificar as observações de Napoleão (no contexto brasileiro, ver Quednau, 1999).

Destacamos também um problema sério quanto à explanação do modo subjuntivo. Na página 263, toda a seção 245, que trata dos modos verbais, é bastante superficial do ponto de vista linguístico, mas a definição que mais surpreende negativamente é a que se dá do modo subjuntivo: “Indica este modo que o verbo não tem sentido caso não venha *subordinado* a outro verbo, do qual dependerá para ser perfeitamente compreendido. Ninguém nos entenderá se dissermos “venhas”, mas se dissermos “Quero que venhas” seremos facilmente compreendidos; o sentido de *venhas* depende de *quero*. Daí o nome de *modo subjuntivo*, isto é, modo que se subordina a outro”. Dispensa comentário; aqui o autor parece ter se deixado levar pelo sentido etimológico de “subjuntivo”, esquecendo-se dos tantos usos independentes desse modo, inclusive o do próprio exemplo que fornece.

Outros pequenos problemas, alguns mais leves, outros mais sérios, alguns de conteúdo, outros de revisão, serão assinalados na sequência de acordo com a ordem em que aparecem:

P.72, seção 81. Ao apresentar a conjugação do verbo *sum*, diz-se: “as desinências são **as mesmas que conhecemos**, isto é, *m, s, t, mus, tis, nt*” (grifo nosso). Ora, na página 54, seção 58, ao se enunciarem pela primeira vez as desinências verbais do presente do indicativo, só se menciona “-o” para a primeira pessoa” (falava-se no presente do indicativo da primeira conjugação), não “-m”.

P.83, exercício 15, 10. Faltou itálico em “varões”.

P.102, exercício 21, 1. Há uma vírgula a mais separando sujeito e predicado.

P. 204, exercício 52, 4a. Em vez de “*tenent*”, evidente erro de digitação, dever-se-ia grafar “*terrent*” (no gabarito a tradução é :

“aterrorizam” e é tal verbo que se apresenta no vocabulário introdutório do exercício).

P.216. item 5, nota. Tratando de pronome relativo, diz Napoleão: “Os clássicos empregavam o *cujo* sempre de acordo com as regras acima, mas, às vezes, *sem o antecedente expresso*: “*Cuja* é esta casa?” – “Não sei *cujo* é este livro”. Na verdade, esse uso arcaico remonta certamente ao interrogativo latino *cuius*, não ao relativo (veja-se, por exemplo, Said Ali, 1971, p.111).

P.231, item 7. “**Quisquis** (quem quer que; *nom.masc.sing.*) e **quidquid** (tudo o que, qualquer coisa que; *nom. e ac.sing.n.*), só usado nesses casos”. Napoleão trata dos pronomes indefinidos; seria mais preciso assinalar que há três ocorrências de *quemquem* em Plauto, como, por exemplo, em *Menecmos* 717; se a descrição gramatical se restringe à época clássica, como parece ser o caso na maioria das vezes (uma das exceções está na página 374, em nota à seção 320: uma observação sobre a existência das formas arcaicas *faxim* e *faxo*), seria adequado advertir disso o leitor.

P.240, seção 224, 3. Há aqui um erro tipográfico: “*equies*” em vez de “*equites*”.

P.272, item 3. “A 1ª. pessoa do plural de qualquer tempo latino termina ou em **amus** ou em **emus** ou em **imus** (negrito do autor)”; ao tratar de *imus*, diz-se que é “sempre breve, exceto no pres. do indicativo da 4ª., no subj. pres. de **sum** (e compostos[...]) e de **volo** (e compostos [...])”. É detalhe pequeno, mas valeria a pena apontar em nota um fenômeno complexo: a primeira pessoa do plural do subjuntivo perfeito, que tinha um “*i*” longo mas tendeu a se confundir com o futuro perfeito, com seu “*i*” breve, tem formas atestadas de *imus* em latim arcaico, como em *venerimus* em Plauto (*Bacchides* 1132). Em resumo, para fins didáticos, uma nota poderia alertar para o fato de que havia formas arcaicas em *imus*.

P.354. No quadro apresentado, a terminação da segunda pessoa do presente do indicativo singular do verbo *loqui* tem a assinalação da penúltima longa (“*-ēris*”, em vez de breve), provável erro tipográfico.

- P.424, final da seção 370. Faltou acento em “E (costume)”.
- P.453, seção 391, primeira nota. No primeiro exemplo tem-se “exilo”, em vez do correto “exílio”. Outro erro tipográfico.
- P.471. Em 4^{a.}, Napoleão apresenta duas frases para ilustrar o uso de uma expressão ora com indicativo, ora com subjuntivo. Curiosamente, não traduz integralmente a primeira, só a segunda: 1^{a.} “Certo tempo houve em que...”/2^{a.} “Tempo houve outrora em que os gauleses eram superiores em valor aos germanos e os assaltavam por primeiro”... Em outra edição da gramática a que tivemos acesso ocorre o mesmo.
- P.484, seção 420, primeira nota. Sobre o uso de *-ne*, afirma-se: “Pode unir-se a outras partículas [...], mas não a pronomes nem a advérbios interrogativos nem a preposições”. É fenômeno raro, mas a partícula interrogativa *-ne* aparece por vezes unida a um pronome interrogativo (um exemplo em Pinkster, 2015, p. 337, com *qualine*, em Plauto). Por outro lado, o autor se contradiz na página 504, nota da seção 436, ao dizer: “Apenas na poesia [...] há exemplos de posposição [de *-que*] a preposições [...]. **A mesma observação vale para as enclíticas ve e ne**”. Então, na poesia, diz Napoleão, *-ne* pode se unir a preposições.
- P.498, final. Napoleão, contrariando o procedimento que vinha adotando, não traduz todo um período latino que serve de exemplo.
- P.506, penúltima linha antes do questionário. Faltou itálico ou negrito em “Aut”.
- P.535. “mas se Camões nos deixou, além dos *Lusíadas*, os *Sonetos*, Virgílio nos legou as *Bucólicas* (Éclogas) e ainda as *Geórgicas*”... O leitor que não conhece suficientemente a obra do poeta português, pode pensar que Camões escreveu apenas sua famosa epopeia e sonetos, ao passo que ele nos legou também comédias, elegias, etc. Aqui, pensamos no leitor culto que, todavia, não conhece o conjunto da obra de Camões.

P.536. “Encontrando-o doente em Atenas, vítima de insolação, Augusto fá-lo regressar à Itália”... Há duas imprecisões aqui. A notícia se baseia na biografia escrita por (Suetônio) Donato; nela, Augusto encontra Virgílio em Atenas, e o poeta decide retornar à Itália com ele, mas, ao visitar a cidade de Mégara, foi afetado pela insolação:

Sed cum ingressus iter Athenis occurisset Augusto ab oriente Romam revertenti destinaretque non absistere atque etiam una redire, dum Megara uicinum oppidum ferventissimo sole cognoscit, languorem nactus est... (130, texto da *Enciclopedia Virgiliana*, v. V, 1991, p. 438).

“Mas, no início da viagem, tendo-se encontrado, em Atenas, com Augusto, que retornava do oriente para Roma e decidindo não se afastar dele e até mesmo voltar junto com ele, enquanto visitava Mégara, cidade vizinha, sob um sol escaldante, caiu doente”...

As pequenas imprecisões: Augusto não encontra Virgílio doente ao chegar a Atenas e o poeta tinha decidido ele mesmo, antes de seu mal, retornar com Otaviano.

P.540, seção 472, exceções: “*illīc, istīc, istūc, istāc, istōc, illūc, illāc* (a última sílaba é longa mas não deve ser acentuada)”. Na verdade, essas formas têm a partícula *-ce* apocopada na sílaba final e o acento, que caía na penúltima sílaba, com a queda da vogal final é mantido na mesma posição, sendo essas palavras excepcionalmente oxítonas (De Melo, 2024, p. 31), exemplos de “oxítonias secundárias”, como dizem Traina e Perini (1992, p.97-98).

P.554, terceira observação. “O pentâmetro **sempre** termina numa palavra de 2 sílabas, cuja quantidade forma um jambo” (negrito nosso). Esse “sempre” não se sustenta. A título de exemplo, tomemos a primeira elegia do livro de Tibulo: contamos quatro palavras de mais de duas sílabas no final de pentâmetros. Ao contrário dos poetas gregos, os romanos tenderam a usar dissílabos no final desses versos, mas essa tendência foi várias vezes

contrariada por Catulo, Propércio e Tibulo até se tornar uma regra fixa em Ovídio (ver Smith, 1964, p. 98-99).

P.564. Tratando de Horácio, o autor diz: “Dotado de engenho feliz, é o mais belo dos poetas do seu tempo”. Cabe juízo tão subjetivo num material didático?

Quanto ao gabarito dos exercícios, precisaria ser revisado numa segunda edição da gramática tal como publicada pela Editora CDB; observemos que faltam, sem que haja explicação para isso, as respostas aos exercícios 108 a 114.

Por fim, julgamos que os alunos deveriam ser advertidos sobre a ordem das palavras, cujo valor pragmático a gramática não leva em conta. Assim, por vezes aparece no gabarito dos exercícios o sujeito nominativo no fim da frase como se essa ordem fosse indiferente, ao passo que a frase a verter traduzia uma ordem não marcada em português, como no exercício 26, 1, da página 113: “**Os veteranos** constituíam a força dos exércitos romanos”. O gabarito traz (p. 700) “*Exercituum romanorum robur erant veterani*”. Falta na gramática uma seção que aprofunde a questão da ordem das palavras e um esclarecimento sobre a variação da ordem no gabarito. Uma edição com pequenos adendos poderia trazer observação a respeito para orientação do leitor que é autodidata.

Terminamos nossa resenha assinalando que, ao contrário do que ocorre na reedição da gramática latina de Ravizza, não temos aqui um novo prefácio eivado de etnocentrismo em sua apologia do estudo do latim. Há, aqui e ali, na obra, a ideologia ultraconservadora, tão bem conhecida, do próprio Napoleão Mendes de Almeida (cujos pruridos normativos chegavam a vetar que se dissesse “cadê”, mas apenas “que é de”, como consta de sua *Gramática metódica da língua portuguesa*, em nota à seção 366, p. 232 da edição do Centro Dom Bosco: “Nunca deveremos dizer *quéde* ou *quedê*, ou, o que é ainda pior, *cadê*”). Reconhecemos aqui o caráter quixotesco dos gramáticos normativos lutando em vão contra a inevitável evolução da língua (Napoleão, que faleceu em 1998, não alterou essa nota em tantas edições da obra ao longo de sua vida). Com o

passar do tempo, algumas de suas observações se tornaram ainda mais abstrusas a ponto de nos chocar, como a que segue (na página 545, seção 476, nota da *Gramática latina*), espécie de verrina com uma estocada final *ad hominem*. Napoleão descarta o modernismo por inteiro:

“Para o “modernismo”, nome que engloba o “futurismo”, o “suprarrealismo”, o “dadaísmo”, o “verde-amarelismo” e toda uma longa série de variantes da paranoia intelectual sob que se abrigam revolucionários de ideologias políticas mais do que conceituadores da estética, a arte poética não existe em nenhum idioma; o verso, para esses apadrinhadores e propagandistas do relaxamento, é mero aglomerado de palavras; o poema, simples trecho de prosa com linhas fingidamente distribuídas à maneira de versos. Homens de estudo têm-nos em conta de demagogos das letras, dilapidadores da tradição, destruidores da cultura e — coincidência a um tempo fatal e triste — defensores da leviandade, quando não da própria imoralidade”.

Este é um testemunho de uma antiga associação entre defensores dos estudos clássicos e pensamento ultraconservador que, no Brasil de hoje, continua persistindo, apesar dos esforços de latinistas no sentido de combater o viés ideológico que tanto marcou a história de sua presença na educação ocidental.

REFERÊNCIAS

- Allen, S. *Vox latina. A guide to the pronuntiation of classical latin.* Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- Almeida, N.M.de. *Gramática latina: curso único e completo.* Rio de Janeiro: Editora CDB, 2024.
- Almeida, N.M.de. *Gramática metódica da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Editora CDB, 2024.
- De Melo, W.D.C. *Latin linguistics: an introduction.* Berlin/Boston: De Gruyter, 2024.
- Della Corte, F. (ed.). *Enciclopedia virgiliana. Volume 5.* Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 1991.
- Faria, E. *Fonética histórica do latim.* Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1955.
- Pinkster, H. *The Oxford Latin syntax.* Vol. 1. Oxford: University Press, 2015.
- Quednau, L.R. "O acento em combinações com partículas enclíticas em latim." *Organon*, v. 13. n. 27, 1999, pp. 181-200.
- Said Ali, M. *Gramática histórica da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.
- Smith, K.F. *The elegies of Albius Tibullus.* Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1964.
- Traina, A. e Perini, G.B. *Propedeutica al latino universitario.* 6.ed. riveduta e aggiornata a cura di Claudio Marangoni. Bologna: Pàtron, 1998.

